

programas ao fim do mundo

Com o enorme aumento dos casos de COVID-19, nos quarentenamos em escala global. O que antes podia nos parecer simples nos parece, agora, irrealizável. O contato com o mundo da forma que nos era conhecido está quase proibido. Nossos programas foram drasticamente alterados.

Não à toa, o que antes nos pareceria bizarro poderia, hoje, ser considerado compreensível, ou até necessário. Por exemplo, em 2013, a artista Eleonora Fabião se cobriu de sacos plásticos e caminhou pelo Rio de Janeiro, iniciando sua série de performances conhecida por “Manchas”. Curiosamente, um período de grande quarentena pode reinterpretar completamente o trabalho, quase 10 anos depois. Se, em 2013, a artista mais se assemelhava a uma “mancha” que maculava a cidade, hoje, a mesma ação faria um sentido completamente outro: Eleonora se tornaria alguém que, por conta de extrema cautela, estaria tentando se proteger contra o coronavírus.

Um mês atrás, se trancar em um quarto sem nunca deixá-lo poderia parecer loucura: um típico enunciado de performance. Hoje, todos que podem o fazem. Restaurantes funcionando somente por delivery, reuniões inteiras sendo feitas por whatsapp, propagandas nos dizendo para ficarmos em casa. Pacotes de máscaras descartáveis sendo vendidos a mais de 100 reais, álcool em gel faltando em todas as farmácias. 1 morte a cada 4 minutos na França, o suicídio de um político alemão, a resistência incoerente de Bolsonaro. Escolas, escritórios, faculdades, teatros e shoppings não funcionam há mais de uma semana. Nova York está inteira fechada, Johannesburgo não aceita mais passageiros europeus.

Toda forma conhecida de se relacionar com o mundo foi alterada. Ele parece elaborar programas com enunciados que, antes, poderiam nos parecer inverossímeis, mas que, agora, não mais parecemos compreender. São programas realizados ao fim de tudo que sempre parecemos compreender.

EV2020_01
grupo 11
beatriz oliveira
hiram latorre
isabela moraes
marina liesegang

Pensando nisso, alteramos completamente a intenção de nosso trabalho. Se antes desejávamos desmistificar o “fim do mundo”, ele agora está em pleno acontecimento. Não que o mundo vá efetivamente se acabar, mas o que está acontecendo nos parece bastante distópico e surreal. Basta que assim o enunciemos.

A quarentena, processo por qual estamos todos passando, é a melhor ilustração do momento de ansiedade e incerteza em que estamos. Para resistirmos ao “fim do mundo”, precisamos trabalhar com ela. Precisamos compreendê-la em algumas de suas facetas, desvendando seus programas. Vamos, por isso, desvendá-los, os respondendo de nossa própria forma.

Propomos a criação de um livro que seja essencialmente lido em fragmentos. Todos eles, porém, têm o mesmo enunciado como base: a distopia de nossa situação presente. Pretendemos, assim, entender quais programas performativos são esses que espontaneamente se realizam ao fim do mundo.

Selecionamos 3 palavras que consideramos bastante representativas da quarentena. São elas: tempo, afeto e isolamento. Comparando nossas diferentes interpretações, e as formas que usamos para registrá-las, formataremos o “livro”.